



Escutando imagens: por uma fenomenologia da escuta arquetípica

Listening to images: towards a phenomenology of archetypal listening

Bráulio Eloi de Almeida Porto

 <https://orcid.org/0000-0002-1023-7613>

Cristiano Roque Antunes Barreira

 <https://orcid.org/0000-0003-0141-6828>

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

O método de Carl Gustav Jung (1875-1961) estabeleceu uma abordagem terapêutica e científico-cultural para descrever a essência da psique, com pretensão universal. Apontando para a relevância da imagem como acesso à dimensão emocional do indivíduo, Jung influenciou o trabalho analítico, evidência notada pela longevidade do interesse nesta perspectiva. A relevância contemporânea de sua teoria, ainda em desenvolvimento na prática clínica, é reforçada pela conexão estreita com a fenomenologia, a inserindo em um movimento crescente de fundamentação científica. A psicologia arquetípica, leitura pós-junguiana representada pela obra de James Hillman (1926-2011), enfatiza esta terapia centrada na imagem psíquica. Esta pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica visa identificar e compreender momentos na produção de Hillman da década de 1970 designados como a experiência de uma escuta da imagem, aqui nomeada *escuta arquetípica*. Elementos indicam uma congruência epistemológica entre o método de Hillman e a redução fenomenológica, fundamentando a análise desse recorte de sua obra.

Palavras-chaves: escuta; imagens; fenomenologia; psicologia arquetípica; James Hillman.

Abstract

Carl Gustav Jung's (1875-1961) method established a therapeutic and socio-cultural scientific approach to describing the essence of the psyche with a claim of universal validity. Pointing to the image's relevance as a gateway to emotions, Jung influenced analytical practice, as evidenced by the enduring interest in this perspective. The contemporary relevance of his theory, still in development in clinical practice, is reinforced by its close connection to phenomenology, placing it within a growing movement toward scientific grounding. Archetypal psychology, a post-Jungian reading represented by the work of James Hillman (1926-2011), emphasizes this image-centered therapy. This phenomenological study in qualitative research aims to identify and understand moments in Hillman's production from the 1970s designated as the experience of listening to the image, here named *archetypal listening*. Elements indicate an epistemological congruence between Hillman's method and phenomenological reduction, providing a foundation for analyzing this segment of his work.

Keywords: listening; images; phenomenology; archetypal psychology; James Hillman.

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) se dedicou incansavelmente ao questionamento das condições que viabilizariam uma ciência psicológica. Seu método, desenvolvido a partir de uma profunda experiência íntima e afinado na prática clínica e investigativa, delineou uma abordagem psicoterapêutica e cultural com a aspiração de compreender a essência e a dinâmica da psique, buscando validade universal (Shamdasani, 2005). Mais de sessenta anos após sua morte, a longevidade de suas ideias reforça a importância de se investigar suas inovações em comparação a outras psicologias do inconsciente. Além da exploração da visão junguiana sobre o fenômeno psíquico, seu diferencial mais relevante residiria no modo como pratica a escuta do sujeito em análise, especialmente no estreito vínculo com a fenomenologia (Brooke, 2015), inserindo-a em um movimento crescente de fundamentação e reconhecimento científicos.

O interesse inicial de Jung no papel do inconsciente na vida mental remonta aos primeiros anos de sua prática médica na Clínica Psiquiátrica Burghölzli de Zurique. Seus estudos sobre a natureza do que viria a chamar de *complexo*, por meio do Teste de Associação de Palavras, levaram-no a observar as perturbações na linguagem física e verbal dos pacientes, correlacionando-as com as emoções suscitadas pelo instrumento. Este dado instigou seu contato com as formulações da psicanálise e a subsequente colaboração com Sigmund Freud (1856-1939), culminando no seu rompimento em 1913.

O afastamento de Jung do meio psicanalítico coincidiu com o desenvolvimento de sua própria psicologia, presente em *Transformações e Símbolos da Libido*, de 1912 (Jung, 1956/2014a). Aqui, ao se deparar com um relato pessoal de fantasias místicas, o autor promove uma leitura impessoal e arquetípica da psique, localizando expressões imagéticas na história, religião, mitologia e arte (Shamdasani, 2014). Se a cisão com Freud resultou em perdas significativas de reputação e vínculos profissionais, também lhe permitiu aprofundar sua exploração das imagens do inconsciente, dedicando seis anos ao que chamou de “confronto com o inconsciente” (Jung, 1975, p. 152). Esse exame, evidenciado nos *Livros Negros* (Jung, 2020) e no *Livro Vermelho* (Jung, 2009), continuou a reverberar em seus escritos posteriores.

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção, possivelmente eu teria sido dilacerado pelos conteúdos do inconsciente. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções (Jung, 1975, p. 158).

Tendo importância central como projeto de teoria psicológica, Jung confronta seus leitores com a superposição entre psique e imagem, em citações como “imagem é psique” (Jung, 1938/2014b, CW 13, §75) ou “todo o processo psíquico é

uma imagem e um imaginar” (Jung, 1958/2014c, CW 11, §889). Deste modo, uma abordagem *junguiana* da psique não poderia se alienar da hipótese da atividade espontânea do imaginar e seu meio como acesso às emoções do sujeito.

O presente artigo é um recorte de uma investigação de mestrado¹ que buscou identificar e compreender a experiência de uma escuta das imagens, definida aqui com o termo *escuta arquetípica*, na produção pós-junguiana do psicólogo norte-americano James Hillman (1926-2011). A psicologia arquetípica, representada por sua obra, destaca-se pela ênfase em uma terapia centrada na imagem, fiel aos pressupostos de uma psicologia imaginal. A exploração de suas relações com a fenomenologia parte de sua ideia de *alma* – sinônimo de *psique* –, não como substância, mas um ponto de vista sobre as coisas.

[Na psicologia arquetípica] a imagem não é o subproduto da percepção ou da sensação, o reflexo psíquico de um objeto externo, nem é a construção mental que representa de forma simbólica ideias e sentimentos, não a imagem à qual o ego, meu “eu” consciente, tem acesso por vontade ou por estímulo. Jung refere-se à imaginação como atividade autônoma da psique, ou seja, uma espontaneidade na criação de imagens e fantasias. A psique se caracteriza particularmente por essa capacidade, ou atividade, de criar imagens (Barcellos, 2012, p. 88).

A pesquisa examina a centralidade dada por Hillman à imagem. Ao contrário de uma interpretação baseada no símbolo, o autor propõe um entendimento dos fenômenos pela via da *metáfora*. Para isso, recomenda uma escuta que se distancia da interpretação alegórica, buscando compreender o fenômeno fora do sentido egoico, traduzindo os padrões das fantasias de um modo analógico. Esta perspectiva, embora ressonante a outras aproximações fenomenológicas, como a escuta suspensiva (Barreira, 2017, 2018), se diferencia delas pelo desinteresse na experiência vivida concreta, enfatizando a operação de escutar em sua realidade imagística, auto-referente e psiquicamente expressiva (Hillman, 1991).

O objetivo desta investigação é identificar e compreender, ao longo dos textos da década de 1970 da obra hillmaniana, momentos passíveis de serem designados como a experiência de uma escuta arquetípica. A análise se debruça sobre sua prática, a busca pelo sentido *dentro* da imagem e a preocupação de guardar o fenômeno – seu principal elo com a fenomenologia –, que marcam o esforço em *ficar com a imagem* como via de compreensão psicológica. O trabalho intenciona descrever e delimitar a passagem da teoria à operação de escutar, momento prático da relação intersubjetiva na clínica, mantida como investigação em curso nos consultórios de analistas desta abordagem.

¹ O presente trabalho foi realizado, em parte, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/07712-0.

Metodologia

Como é sabido, o substantivo método, cuja origem remonta ao termo grego *μέθοδος*, é composto por duas palavras: *meta* – para além, o que segue; e *hodós* – caminho. Por isso, se estamos tratando do campo da psicologia junguiana e pós-junguiana, naturalmente temos que andar sob as pegadas de Jung e para além de suas observações. Em sua ambição de elaborar uma psicologia cuja amplitude pudesse ser “capaz de comportar o fator subjetivo, tido como subjacente a todas as ciências” (Shamdasani, 2005, p. 44), ele se orientou na direção que guarda como pressuposto a consideração da tendência do observador em interferir no objeto, recomendação explícita que se encontra em muitos trechos de sua obra.

Em nenhum outro lugar os preconceitos, as confusões de interpretação, os julgamentos de valor, as idiossincrasias e as projeções exibem-se mais desembaraçada e desavergonhadamente do que neste campo específico de pesquisa, independentemente se estamos a nos observar ou se observamos nosso vizinho. Em nenhum outro lugar o observador interfere mais drasticamente no experimento do que na psicologia (Jung, 1945/2014d, CW 17, §160).

Assim, a percepção do papel daquilo que se chamava *equação pessoal* seria um dos aspectos mais importantes dos quais dependeria a possibilidade de existência da psicologia como uma ciência da subjetividade. Frente à construção deste saber, Jung articulou uma aproximação dos fenômenos da psique cuidadosamente atento a tal problema, propondo um método clínico-experimental e almejando uma combinação de investigação qualitativa e quantitativa que resultou em uma abordagem peculiar. Em vista disso, é importante entender aqui que, se sua clínica tem um modo de ser trabalhada, isso significa que devemos tomá-lo como uma *primeira dimensão* do método, compreendendo que existe uma metodologia junguiana e pós-junguiana, com seus desdobramentos, sofisticações e desenvolvimentos. No entanto, deve-se logo advertir que, nesse projeto de pesquisa, *não é esta* que será utilizada.

Ao assumir como tarefa a realização de uma pesquisa de caráter eminentemente qualitativo e descritivo, voltamos a atenção para um modelo que privilegia a interlocução com o humano, em busca dos significados subjacentes aos dados objetivos e a intenção de edificar paradigmas diversos para as ciências humanas (Andrade & Holanda, 2010). Neste sentido, tal empreendimento subjetivo envolveria a reconstrução de uma ideia mais abrangente daquilo que seria *empírico*. O próprio Jung, em alguns escritos, teria se utilizado do termo como adjetivo para uma de suas qualidades como investigador (Shamdasani, 2005), enfatizando a sua importância, ao mesmo tempo em que flexibilizava o seu significado.

Em razão da característica particular do objeto *psique*, devemos dedicar atenção a como esta noção de empiria será definida. Quando tratamos das pesquisas correntes em psicologia, temos em mente a existência do que se constitui como um

triângulo epistêmico, cujas dimensões são suas faces teórica, conceitual e empírica, notando uma dominância da última em termos de presença e valorização (Machado et al., 2000). Contudo, na realização de aprofundamentos factuais – empíricos –, uma série de equívocos acabam por acontecer, devido, dentre outros motivos, à fragilidade na elaboração de pesquisas teóricas e conceituais necessárias, pela própria razão de a empiria ser coordenada, animada e inteligível por meio destas. Neste projeto, evitar esse erro implica situar a investigação no seu vértice conceitual, preparando os passos indispensáveis para que uma futura etapa empírica possa estar bem fundamentada².

A ressonância entre a citada primeira dimensão do método com o enfoque fenomenológico se mostra não só propícia, mas especialmente compatível no que tange a uma leitura que visa, sobretudo, a operacionalizar a transposição conceitual entre a investigação em psicologia e sua aplicação junto à fenomenologia clássica (Barreira, 2017). Por esta razão, esse exame se caracteriza como uma pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica, cujo fim se constitui na apreensão da totalidade em busca de significados e essências, com o foco na descrição da experiência singular do sujeito. Como movimento primário, a aproximação da subjetividade vislumbraria sobretudo a produção do discurso expressivo como seu desdobramento posterior (Moustakas, 1994; Amatuzzi, 2006).

Entretanto, é preciso salientar a diferença entre o conceito e uso clássico da fenomenologia e o “sentido da atividade da Psicologia que aplica análises fenomenológicas” (Barreira, 2017, p. 320). Ainda que encontremos uma afinidade epistemológica entre este tipo de análise e a maneira como Hillman entende as imagens, tal diferenciação se mostra fundamental para compreender como um horizonte distinto se estabelece em termos desta metodologia específica, mais voltada ao que o autor denomina uma fenomenologia crítica (Hillman, 2020, p. 9).

Utilizamos o termo fenomenologia não como uma ideologia, nem como uma simples “escola” de pensamento; igualmente não é nem uma “corrente”, nem uma “abordagem”. A fenomenologia é um modo de acesso ao mundo. Desta maneira, ela pode ser melhor apropriada – pela psicologia, p. ex. – em seus aspectos metodológicos, sem ser confundida com um modelo “ideológico” (Holanda, 2014, pp. 26-27).

Logo, estamos diante de uma proposta de investigação que parte de uma óptica conceitual, cujo tema requer um tratamento que situe historicamente suas fontes, conferindo-lhes condições para a execução de um recorte não apenas contextualizado, mas epistemologicamente congruente no que se alude à pretensão analítica, qual seja a análise intencional equivalente à redução fenomenológica. Ao situar o objeto assim, visa-se identificá-lo; ao analisá-lo, visa-se compreendê-lo.

² “As investigações factuais geram os componentes elementares das relações funcionais e teorias, que por sua vez podem ser concebidas como fatos coordenadores e animadores que as trazem à vida. As investigações conceituais, por outro lado, verificam a inteligibilidade das teorias, explicam seus significados e identificam seus domínios sensíveis” (Machado et al., 2000, p. 2).

Por conseguinte, assumindo-se que o processo compreensivo corresponde ao “retorno às coisas mesmas”, axioma fenomenológico, as condições necessárias para a identificação da matéria impõem abordá-la concretamente, localizando-a, material e temporalmente, enquanto objeto presente de modo imiscuído em suas fontes³. Embora não se trate de uma pesquisa em história da psicologia, o tratamento historiográfico é relevante para evitar presunções interpretativas usuais e despercebidas, típicas da ausência de problematização dos pressupostos acerca da construção histórica do conhecimento. Conforme Massimi (2016), ter em consideração a ação inadvertida de perspectivas epistemológicas continuístas, descontinuístas, internalistas ou externalistas, é um alerta para conceber uma investigação que valorize a diversidade de influências e inovações, bem como para a manutenção de conhecimentos com valor heurístico na atualidade.

A princípio, a fonte primária dessa pesquisa seria a obra publicada por James Hillman no período de 1970 a 2000. Em uma apreciação não detalhista desta compilação, estimava-se que tal produção bibliográfica contemplasse cerca de vinte livros e uma centena de artigos, dos quais por volta de trinta e seis publicados no periódico *Spring Journal*, assinados pelo autor⁴. Era a consulta desse material, em especial no que se refere àquilo que possibilitaria a “reconstrução histórica de conceitos e sistemas conceituais e práticos” (Massimi, 2016, p. 58), que nos lançaria, quando esclarecimentos e fundamentações se mostrassem necessários, a fontes secundárias, tais como colaborações, palestras, entrevistas e referenciais citados, refutados e desenvolvidos pelo autor para sustentar seu processo argumentativo. Uma parte essencial destas últimas referências se encontra no *Opus Archives and Research Center*, do *Pacifica Graduate Institute*, em Santa Barbara, Estados Unidos.

Cabe frisar que a leitura das fontes primárias não seria aberta nem arbitrária, mas exploratória e direcionada, uma vez que atendesse ao objetivo de identificar aquilo que comparece como momentos que descrevem e caracterizam a experiência de uma escuta arquetípica. Isto se coaduna com duas máximas comuns entre esta maneira de fazer psicologia e a fenomenologia, permitindo-nos assumir que ambas as perspectivas têm o mesmo epicentro epistemológico: o esforço de se “ficar com a imagem” e “guardar o fenômeno” (Berry, 2017, p. 15). Estas são medidas que visam a apreensão do sentido respeitando um olhar que destaca a atuação de padrões de fantasia, presente no âmago desta abordagem psicológica.

Por isso, o método empregado nesta pesquisa não cumpriria sua finalidade

³ “As fontes são os tijolos essenciais para a construção da pesquisa histórica. Entende-se por fonte qualquer testemunha perceptível sensorialmente que nos dá notícia acerca da vida humana do passado” (Massimi, 2016, p. 53). A autora destaca a importância de gêneros comuns para estudos históricos em psicologia como a correspondência epistolar, peças de oratória e documentos ligados à oralidade, narrativas de obras poéticas, artigos em revistas científicas, entre outros.

⁴ Esta bibliografia se encontrava acessível pelo proponente da pesquisa aqui no Brasil, seja em sua coleção particular quanto em bibliotecas especializadas.

se não comunicasse a particularidade com que tais leitura e análise se realizaram. Trata-se de um exame operado com dois diferentes estratos de subtração geral. O primeiro é responsável por tornar viável a pretensão desta investigação. De modo simples, a leitura integral se operou dispensando-se de se deter em tudo aquilo que não fazia referência direta ou indireta ao ato de escuta. Logo, grande parte de seu conteúdo não requereu maior atenção, classificação ou análise. Contudo, não se tratou necessariamente de um descarte ou rejeição desse material, posto que, a depender da emergência do sentido da escuta, o pano de fundo imposto por tais elementos – teóricos, clínicos, especulativos – precisou ser assinalado ou estar subentendido para a boa exposição do ato que é o objeto de análise ora privilegiado.

Ainda assim, este primeiro estrato de subtração deu à leitura um aspecto flutuante, nem inadvertidamente detalhista, nem aprofundado, mas aberto a apreender as menções, alusões ou expressões patentes ao ato em exame. Por isso, voltamos a considerar as diferentes dimensões da escuta enquanto ato complexo, passando da afeição sensível e sentimental às lógicas imaginativas da fala e de sua interpretação, do silêncio às consequências de suas intervenções. Na prática, o material lido foi sublinhado, diferenciado por temas que assinalavam agrupamentos: trechos explícitos, implícitos, recomendações e prescrições, exemplos, articulações teóricas, problematizações, conceituações, etc. Foi aqui que se chegou a um afunilamento do conjunto, revelando que a matéria perscrutada pela pesquisa estaria condensada nos artigos escritos durante a década de 1970, ainda que publicados nos anos subsequentes.

Já neste processo, iniciou-se também o segundo estrato de subtração, específico ou interno. Nessa operação, se sobressai o contraste entre modificações de atitude, quais sejam, aquelas pertinentes à escuta arquetípica e as outras impróprias ao que se requer para praticá-la. É somente neste instante que os contornos que delineiam a especificidade clínica desta escuta começaram a emergir, permitindo a apreensão de seus elementos internos. No conjunto da obra hillmaniana, é aqui que continuidades, insistências e novidades, assim como formulações e reformulações tiveram suas conexões situadas e contextualizadas, permitindo, conclusivamente, a chegada à sua redução fenomenológica, isto é, àqueles sentidos de escuta sem os quais não se pode designá-la arquetípica.

Hillman não apenas foi influenciado pela visão fenomenológica, mas nomeadamente a utilizou na elaboração conceitual e prática de sua perspectiva da psicologia de Jung (Sipiora, 2005). A construção de uma proposta por esta *via negativa*, suspendendo-se aquilo que *não* se deve fazer (Berry, 2017, p. 15) é inteiramente compatível com o momento subtrativo da redução fenomenológica, cujo intento final é permanecer com o resíduo (Depraz, 2011). O resíduo almejado nessa pesquisa é a escuta arquetípica, aquilo sem o quê não se pode designar uma escuta caracteristicamente *hillmaniana*. Assim, existem elementos suficientes para supor a congruência gnosiológica entre o método empregado pelo autor e a pretensão

analítica, ora assumida, de executar a redução fenomenológica para o exame desse recorte de sua obra.

Embora Hillman não nomeie a prática clínica que propõe como a de uma escuta arquetípica, não é somente a concordância epistemológica entre a abordagem dessa investigação e a adesão filosófica declarada de nosso autor que nos autoriza a batizá-la e a designá-la como um objeto nascido em sua produção. Em meio às camadas conceituais e especulativas de seus escritos, é possível reconhecer descrições dispersas de práticas e conceitos experienciais cuja articulação possibilitaria a reconstrução de uma atitude, a escuta arquetípica. Ao modo de uma atitude fenomenológica prática (Depraz, 2011), esse propósito investigativo implica um horizonte, uma irradiação de suas iniciativas e perspectivas. Em virtude disso, é uma atitude que não está alheia ao diálogo com sua historicidade conceitual e com pretensões terapêuticas que orbitam sua elaboração. O esclarecimento de elementos teóricos e práticos desse horizonte não é uma adição, mas uma parte imprescindível para a compreensão total de uma escuta que presume o abandono de certos traços conceituais e a adesão a outros, assim como a qualificação de intervenções e de projeções, em outras palavras, de motivações e de resultados clínicos próprios a uma relação intersubjetiva dinamizada psicologicamente.

O emprego do método fenomenológico como análise documental para identificar e compreender a escuta arquetípica está fundamentado na sua qualidade de definir o objeto com precisão, promovendo o refinamento da dimensão conceitual. Tal atitude permitiria compreender melhor o que se passa no caminho da clínica, fornecendo elementos de racionalidade a partir da experiência analítica para temas que ainda não foram nomeados, expostos e sistematizados desta maneira. A pesquisa se justifica por desenvolver recursos no aprimoramento deste enfoque, que pode então passar por análises críticas de seus processos e eventuais novos progressos. A precisão conceitual favoreceria o fomento de um contexto de revisão e renovação teórica a partir do contato com o material empírico, objetivando a sistematização lógica e científica que se encontra, de certa maneira, dispersa na obra hillmaniana, e que poderia, portanto, ficar restrita somente àqueles que têm acesso a tal arcabouço intelectual, ou permanecer, ainda assim, vaga e indefinida.

Discussão e Resultados

Antecedentes: a psique e o fenômeno

A convergência epistemológica entre a metodologia adotada por Hillman e a fenomenologia, ponto fulcral no escopo desta pesquisa, remonta à fase inaugural de seus escritos, pulverizados no período que antecede a década de 70. Embora ultrapasse o recorte desta análise, seu primeiro livro, *Emotion: A Comprehensive Phenomenology of Theories and Their Meaning for Therapy* (Hillman, 1960/1997),

já toma um enfoque não-empírico e fenomenológico ao revisar teorias emocionais desde o início do século XX.

A gênese dessas reflexões primevas compreende também um conjunto de ensaios provocativos nos anos 60, apresentando temas como traição, masturbação e fracasso; combinados com outros escritos posteriores, culminariam em *Loose Ends: Primary Papers in Archetypal Psychology* (Hillman, 1975a), esboçando uma linha mestra para sua psicologia. A progressão da produção subsequente seguiu em um refinamento das reflexões sobre o que o autor concebia como “uma investigação psicológica genuína”; *Suicide and the Soul* (Hillman, 1964) exemplifica essa busca, examinando o suicídio como uma metáfora, fantasia trágica e literal de transformação. Hillman enfrenta o tema, transcendendo moralismos religiosos e diagnósticos psiquiátricos, mergulhando na psique em busca de entendimento.

Esse comprometimento com o material psíquico puro, direcionando-se à *alma* como sinônimo de *psique*, estabelece a premissa original de uma psicologia fiel à sua própria essência. Tal fase inicial chega ao seu fechamento em *The Myth of Analysis* (Hillman, 1969/1997), uma crítica plural dos fundamentos da análise, em termos de sua criatividade, linguagem e pontos cegos.

O marco de partida da nossa investigação se situa em 1970, quando Hillman assume a editoria do *Spring Journal*, adicionando essa função à sua posição como Diretor de Estudos do C.G. Jung Institut Zürich. Seu escrito de estreia, *Why 'Archetypal' Psychology?* (Hillman, 1970), concebe uma transição significativa nos rumos da psicologia pós-junguiana.

Neste “Posfácio Editorial para *Spring 70*”, ao propor a expressão *psicologia arquetípica*, Hillman lança as bases da sua abordagem, questionando a nomenclatura usada por Jung para descrever sua obra. Essa escolha terminológica não apenas destacaria nuances interpretativas, mas desencadearia uma revolução nas dimensões teórica, prática e existencial. Tal transição se evidenciou ainda mais no artigo seguinte, *Psychology: Monotheistic or Polytheistic?* (Hillman, 1971), no qual criticava o “monoteísmo” na psicologia junguiana, defendendo ao invés a riqueza da pluralidade psicológica.

O arquétipo é o mais ontologicamente fundamental dos conceitos psicológicos de Jung, com a vantagem da maior precisão, além de ser, por definição, sempre parcialmente indefinível e aberto. Os arquétipos são os órgãos em que se situa a vida psíquica, agentes operativos da ideia que Jung tinha de terapia (Hillman, 1981, p. 165).

A partir desses pontos de inflexão, Hillman aprofunda sua defesa da polissemia psicológica em ensaios como *Anima* (Hillman, 1973) e *Anima (II)* (Hillman, 1974). Essa dupla de artigos acompanha a evolução de seu pensamento a respeito da autonomia da psique, correlacionando imagens e emoções e advogando a primazia da alma a todo evento psíquico, questionando a noção junguiana de *complementaridade* entre consciente e inconsciente.

O relevo dado à fantasia em função de sua relação com um modo de estar no mundo e não somente um processo consciente interno, distinguiria seu valor na conceptualização da realidade, pois “os fenômenos tornam-se vivos e carregam alma por meio de nossas fantasias imaginativas sobre eles. Quando não temos fantasias sobre o mundo, ele se torna objetivo, morto” (Hillman, 2020, p. 101). Portanto, a subjetividade arquetípica governaria afetos e sintomas psicológicos.

Este instante de concepção de uma psicologia hillmaniana original culmina em uma profunda redefinição da relação entre fenômeno psíquico, subjetividade e a experiência da alma. Hillman desafia os fundamentos da psicologia tradicional, abrindo caminho para uma compreensão diversificada e complexa da vida psíquica.

O sonho, o pandemônio e uma re-visão

Na esteira de seus escritos sobre a *anima*, Hillman apresenta uma palestra em 1973, posteriormente transformada no livro *The Dream and the Underworld* (Hillman, 1979b). Neste trabalho, o autor conduz sua psicologia arquetípica em termos da centralidade dos sonhos e de uma abordagem ímpar às imagens. Ele fundamenta sua aproximação no que chama de *epistrophé*, conceito de reversão inspirado na teoria de Henri Corbin (Corbin, 1972), que procura compreender os fenômenos em termos de suas semelhanças e origem (Hillman, 2013). Esta escolha visava oferecer múltiplas possibilidades, indo além das dicotomias junguianas e freudianas.

O termo *underworld* – traduzido como *mundo das trevas* –, reforçava a intenção de descrever uma região peculiar onde experiências específicas se manifestariam. A distinção metafórica entre o mundo diurno e noturno, aqui sugerida, pretendia inverter interpretações convencionais das psicologias do inconsciente, buscando finalmente sair do primeiro espaço em direção ao último, direção contrária das demais (Durand, 1992).

Hillman (2013) frisa a importância dos sonhos como linguagem da imaginação, afirmando que “o sonho fala por imagens, ou mesmo é imagens... porque sonhar é imaginar... os sonhos... só podem ser respondidos pela imaginação” (p. 94). Essa perspectiva levou alguns autores a considerarem sua importância em levar os *insights* psicológicos de Jung rumo a uma verdadeira fenomenologia da imaginação (Wojtkowski, 2012)⁵. Ele procura guardar uma escuta *límpida* da ima-

⁵ Roger Brooke argumenta que a relação de Jung com a fenomenologia teria sido “desconfortável”, com certa compatibilidade em torno da aceitação dos fenômenos da experiência em seus próprios termos, a busca de seus significados mais do que das causas antecedentes, o respeito pelo *te-los* da vida psicológica, o método hermenêutico e o reconhecimento da psicologia como “confissão subjetiva” (Brooke, 2005, pp. 40-41). No caso de Hillman, sua associação com fenomenólogos norte-americanos trouxe um impacto nos fundamentos da psicologia analítica, com o reconhecimento de contradições epistemológicas na obra de Jung e a primazia do papel dos “fios imaginais e arquetípicos dentro da constituição da experiência” (Brooke, 2005, p. 31). Isto resultou no reconhecimento de sua importância em levar o pensamento junguiano a uma autêntica fenomenologia da imaginação.

ginação, evitando a distorção das imagens.

As imagens do mundo das trevas são, no entanto, visíveis, mas somente para aquilo que é invisível em nós. O invisível é percebido por meio do invisível, ou seja, a psique. Imagens psíquicas não são necessariamente quadros visuais e podem não ser de modo algum como as imagens produzidas pelos sentidos. Em vez disso, elas são *imagens como metáforas*. Uma imagem na poesia e todo o processo imaginativo na música, claro, precisam ser *ouvidos* com o ouvido, mas são ouvidas por um terceiro ouvido, um ouvido interno (Hillman, 2013, pp. 92-93).

Ao recuperar o pensamento de Jung, o autor ressalta a necessidade de uma distinção “espacial” dos conteúdos oníricos em relação às realidades diárias comuns. Seu argumento é que as figuras nos sonhos não são representações de “eus” vivos, mas “imagens sombrias que preenchem papéis arquetípicos; são *personae*, máscaras” (Hillman, 2013, p. 101). Esta concepção esclareceria as relações internas das imagens dos sonhos e fantasias, derrubando o que denominava “o último bastião da objetividade, o ego onírico, seu comportamento e seus sentimentos, mantendo-os dentro da imagem” (Hillman, 2013, pp. 152-153); tal rotação enredaria a dissolução do ego no sonho e a transformação de sua estrutura em um *ego imaginal* (Durand, 1971), permeável ou poroso ao pandemônio imagético.

Em 1975, Hillman apresenta a palestra *The Pandemonium of Images: C. G. Jung's Contribution to Know Thyself* (Hillman, 1977a) posteriormente publicada como parte do livro *Healing Fiction* (Hillman, 1983/2007). Aqui, ele reexamina radicalmente a prática terapêutica, concebendo-a como uma ação imaginativa, sublinhando o fundamento de reconhecer vozes interiores como *daimones*, mensageiros que convenceriam o sujeito da realidade de sua existência psíquica.

Ao lembrar a “doença criativa” de Jung (Ellenberger, 1970, p. 672), Hillman ressalta a transformação das fantasias em imaginação tal qual um movimento junguiano fundamental. Ele argumenta que Jung teria visto a si mesmo *como* outras pessoas, abordando essas figuras psíquicas de seu inconsciente *como se* fossem pessoas reais, nem literalmente reais nem irreais (Hillman, 2010b). Tais figuras trariam um senso de destino interno, contribuindo com sua diferenciação para o que denominava processo de *individuação* (Jung, 1921/2014e, CW 6, §853).

Criticando a interpretação conceitual da psicologia onde a “imagem é assassinada e recheada de conceitos, ou se perde em uma abstração” (Hillman, 2010b, p. 112), o autor intervém na restauração da primazia da imagem na vida do indivíduo, reavendo a relação imediata entre imagem e psique.

Quando uma imagem é realizada — completamente imaginada como um ser vivo diferente de mim — ela então se torna um *psicopompo*, um guia com uma alma tendo suas próprias limitações e necessidades inerentes.... essa imagem específica que veio a mim grávida de significado e intenção, um anjo necessário da forma como aparece aqui e agora, e que ensina a mão a representá-lo, o ouvido a escutá-lo e o coração a responder” (Hillman, 2010b, pp. 99-100).

Em sua obra-prima *Re-visioning psychology* (Hillman, 1975b), lançada no mesmo ano, vai finalmente explorar quatro modos de cultivo da alma: *personificar*, *patologizar*, *psicologizar* e *desumanizar*. Nesta produção aberta, sem sequência lógica, discorrerá sobre a personificação das imagens do inconsciente como estratégia relacional, dando às figuras o estatuto de sujeitos psíquicos vivos.

Tratando a respeito de uma ideia anterior relativa à relevância do patologizar como um ato psicológico criativo, que tende a criar morbidade e anormalidade, luta pela sua manutenção como modo próprio de expressão. Através do psicologizar, recupera o ato de reflexão enquanto atividade instintiva da psique, habilidade de interiorização de eventos como ideias psicológicas que se autorrefletem.

A obra chega ao epílogo com a indicação de que a psicologia arquetípica não é um humanismo, pois “considera o estudo da alma algo em si mesmo, com seu próprio caminho” (Hillman, 2010a, p. 328). Ao resgatar uma perspectiva do *Renascimento*, Hillman apresenta uma visão mais ampla da alma, indo além do humano. Como ressurreição das ideias psicológicas, retoma a reflexão da alma sobre sua natureza, estrutura e propósito, concebendo as ideias como a forma que possibilita a identificação de padrões em eventos.

A imagem é espontânea, primordial, dada com a própria psique.... O que quer que digamos sobre o mundo, as outras pessoas, nosso corpo, está afetado por essas imagens arquetípicas de fantasia. Há Deuses, *daimons* e heróis em nossas percepções, sentimentos, ideias e ações, e essas pessoas de fantasia determinam o modo como olhamos, sentimos, pensamos e nos comportamos, toda a existência estruturada pela imaginação (Hillman, 2010b, p. 118).

Assim, Hillman oferece uma re-visão arquetípica da psicologia, centrada nos sonhos, na imaginação e na fantasia, provocando uma reflexão profunda sobre a natureza da alma e sua expressão multifacetada. Sua abordagem única desafia concepções convencionais, salvaguardando a riqueza imaginal e realçando a importância do reconhecimento da polissemia psíquica.

Investigando a Imagem

Ao focalizarmos o cerne desta pesquisa na definição da *escuta arquetípica*, é imperativo reconhecer a significativa relevância dos últimos três anos da década de 70 na obra de James Hillman. Estes anos, considerados o auge de sua preocupação com a imagem, sua fenomenologia e operacionalização no contexto analítico, testemunharam a publicação de três artigos seminais no *Spring Journal: An Inquiry into Image* (Hillman, 1977b, pp. 62-88), *Further Notes on Images* (Hillman, 1978, pp. 152-182) e *Image-Sense* (Hillman, 1979a, pp. 130-146). A importância dessa sequência foi posteriormente validada com a publicação de um livro em língua portuguesa que compila esses ensaios, recebendo o título do texto inaugural, marcando o início da parte conclusiva da nossa discussão.

Em *Uma investigação sobre a imagem* (Hillman, 2018), o autor destaca a

centralidade da imagem na psicologia arquetípica e em sua visão pessoal da psicoterapia. Sua leitura alinha-se com conceitos fundamentais de Jung, especialmente a já citada noção de que “imagem é psique” (Jung, 1938/2014b, CW 13, §75), cujas implicações radicais conduziriam à reflexão de que “a imaginação não é meramente uma faculdade humana, mas uma atividade da alma à qual a imaginação humana presta testemunho. Não somos nós quem imaginamos, mas nós que somos imaginados” (Hillman, 1991, p. 29).

Na introdução à edição brasileira, Gustavo Barcellos salienta que a “psicologia arquetípica é herdeira dessa tradição que elabora uma fenomenologia da imagem como foco de sua prática” (Barcellos, 2018, p. 8). Essa definição engajada com a imagem e sua expressão genuína levam a um ato que provoca a moldagem de uma óptica clínica única na prática. Em concordância com Jung, Hillman enfatiza o fundamento de “ficar o mais próximo possível das imagens do sonho” (Jung, 1947/2014f, CW 16, §320), alinhando-se à “única e rigorosa indicação técnica” deste método (Donfrancesco, 2000, p. 45).

O ensaio principia destacando a transição crucial da abordagem da imagem pelo *símbolo* para um entendimento proposto através da *metáfora*. Hillman redefine a imagem psíquica como não sendo o que se vê, mas uma maneira de ver, uma *perspectiva* sobre as coisas (Casey, 1974). Essa distinção transforma o símbolo em uma imagem, pois a particularidade o apresenta em um “contexto, humor e cena específicos” (Hillman, 2018, p. 18).

O autor introduz aqui um personagem significativo, chamado de *Questionador*, que ao interromper a narrativa, estabelece um diálogo que desafia as afirmações do texto, orientando a escrita para novas direções. Funcionalmente, essa figura cria a tensão que evoca uma redução fenomenológica, partindo da *via negativa*, ou seja, dos modos como *não* se deve lidar com a imagem.

O método proposto por Hillman busca ser operacional e próximo ao fenômeno, evitando preconceitos sobre a experiência fenomenal. Sua primeira assertiva estabelece que a imagem está completa em sua apresentação (Hillman, 2018, p. 27), argumentando que tal integridade não requer adições, mesmo que seu detalhamento seja obscuro. Ele afirma que a “indiferença, obtusidade e imprecisão também são qualidades” (Hillman, 2018, p. 27), marcando uma intensificação da precisão para que se obtenha mais *insights*.

Adotando a definição de Patricia Berry (Berry, 1974) sobre a *simultaneidade* da imagem, acentua a *intrarrelação* de suas partes como suporte da robustez imaginal. Ao abandonar a visão do arquétipo como substantivo e adotar o adjetivo *arquetípico*, o autor afasta-se da perspectiva metafísica de Jung, abrindo caminho para uma visão, de fato, fenomenológica.

Hillman exemplifica sua abordagem com a análise de um sonho fictício, buscando entender o que faria uma imagem ser “arquetípica”. Servindo da aproximação fenomenológica de testar uma hipótese tentando refutá-la (Hillman, 2018,

p. 34), vai eliminando elementos para intensificar o *contexto* da imagem, em prol da exaltação do que denomina *clima* e *ambiência* (Hillman, 2018, p. 35). Esta proposta busca “desliteralizar todas as formulações de intenção de tal forma que a análise permaneça ligada às imagens reais” (Hillman, 1991, p. 77). Empréstando outro conceito de Berry, desta vez o de *reafirmação* (Berry, 1974/2014, pp. 91-92) destaca a emergência de mais padrões psíquicos e conexões, dizendo que a psique não se revela em mensagens diretas, mas de forma dispersa e oculta na imagem (Hillman, 2018, p. 37).

Neste instante, o artigo destaca uma lista de recomendações para uma exploração adequada da imagem, rejeitando inclusive condutas habituais da psicologia analítica:

1. *Não amplificamos os símbolos*: Criticando a visão clássica de Jung, Hillman argumenta contra a busca por significados ocultos na imagem. Entende que ela não *representa*, mas *apresenta*;
2. *Não destacamos nem atribuímos importância a partes em especial*: Destaca a noção de “completa democracia” (Berry, 1974/2014, p. 77) dos elementos de uma imagem, de relevância equivalente;
3. *Não lemos as imagens simbolicamente*: Alerta contra a distorção das imagens ao interpretá-las simbolicamente, perdidas na abstração do símbolo;
4. *Não adotamos um modelo desenvolvimentista*: Adverte sobre o perigo de impor um olhar psicodinâmico à imagem, que não está nela presente;
5. *Não colocamos emoção*: Saliencia o empenho de preservar o sentimento inerente à imagem, afastando as interferências egoicas;
6. *Não forçamos a imagem em uma narrativa ou sequência dramática*: Questiona a ideia de uma resolução final da imagem, sublinhando sua não-linearidade;
7. *Não precisamos de um combatente ou herói*: Rejeita um tratamento centrado no ego, que promove tal posição interpretativa;
8. *Não moralizamos a imagem*: Previne contra a avaliação egoica baseada em valores morais, preservando a autonomia da imagem;
9. *Não programamos nem buscamos uma mensagem*: Despreza o desejo por mensagens prescritivas, que fariam a psique apenas servir ao ego;
10. *Não sexualizamos a imagem*: Condena a tendência de interpretar conteúdos como alegorias sexuais, ausentes do contexto da imagem;
11. *Não patologizamos*: Reconhece o caráter patológico da psique, afastando a visão difamadora dos fenômenos psicológicos;

12. *Não personalizamos a imagem*: Recomenda atenção à interpretação literal de figuras imaginárias, evitando incorporar elementos externos;
13. *Não tentamos corrigir a imagem*: Preserva a particularidade metafórica da imagem, esquivando-se de sua padronização moral;
14. *Não mitificamos*: Admite cautela em relação à perda da especificidade da imagem quando sobrecarregada com significados mitológicos.

Essas diretrizes visariam manter a fidelidade às imagens, valorizando suas *implicações* e *tecedura* (Berry, 1974/2014, p. 76). Hillman (2018) trata da importância de contar com “o olho adaptado à escuridão” (p. 47), provocando a fenomenologia para que incorpore o sentido de estruturas míticas e valores profundos, enquanto a psicologia arquetípica utiliza o “sentido desliteralizante, por vezes humorístico, da metáfora” (p. 53).

Essa perspectiva intencional explora sentidos ocultos, desconstruir distinções rígidas e escapar da busca por uma única resposta literal. O autor finaliza o artigo declarando que a qualidade arquetípica da imagem surgiria de sua reprodução precisa, de ouvi-la enquanto metáfora, da descoberta de sua necessidade inerente e da exploração de sua riqueza analógica (Hillman, 2018). Seu epílogo desemboca em uma apreciação que evita armadilhas como a ilusão do “clique” na terapia.

Prática Imaginal

O ensaio subsequente, *Notas Posteriores sobre Imagens* (Hillman, 2018), publicado no ano seguinte ao primeiro trabalho, mantém-se metuculoso em sua intenção, que é a de aprofundar a análise do trabalho imagético. Inicia destacando a inadequação das interpretações que buscam um “clique” imediato, lançando um olhar crítico sobre a concepção do relativismo radical, posição intelectual que poderia surgir diante da pluralidade analógica original da imagem.

Retornando ao texto de Berry, *Uma Abordagem ao Sonho* (Berry, 1974/2014), Hillman utiliza a análise de um sonho pela autora para ilustrar sua polissemia intrínseca. Ali, ela apresentava ao leitor sete interpretações diferentes para um único sonho, todas corretas e erradas ao mesmo tempo, destacando a complexidade e a multiplicidade de significados contidos na produção onírica.

Hillman critica a atribuição ao sonhador do papel de árbitro na correção de interpretações, argumentando que tal julgamento serviria aos desejos egoicos da personalidade. Do contrário, ele se interessa em saber *o que o sonho estaria dizendo*, uma leitura que reafirmaria a importância da imagem e sua amplificação metafórica, em vez de se concentrar nas interpretações que buscam o “clique”.

A prática imaginal, segundo o autor, não deve encontrar uma boa interpretação que “clique”, mas sim aquela que “fermenta”, ou “colore”, ou “ilumina” ou “fere”...

O que é importante é o clique do sonho com ele mesmo, sua necessidade interna” (Hillman, 2018, p. 66). Há uma rejeição da ideia da interpretação que interrompe o aprofundamento da imagem, defendendo a mesma a partir de uma revisão imaginal corajosa diante da provável confusão gerada pela intensificação de um sonho.

Hillman enfatiza que a análise não é meramente visual, retomando a valia do contexto, humor e cena no tratamento da imagem. Ele sublinha a função de dar corpo à imagem, evitando reduzi-la a mero elemento espectral. O autor explora a relação entre as imagens e o tempo, e clama pela atenção completa da consciência no *presente*, já que as imagens, “como os quadros, têm todas as suas partes acontecendo concomitantemente, simultaneamente” (Hillman, 2018, p. 72).

A senda hillmaniana leva à consideração de um itinerário estético, desemboçando no exame da linguagem poética; sua psicologia será posteriormente considerada como “o braço investigativo da psicologia” (Barcellos, 2011, p. 7). Hillman sugere que, em contraste com uma psicologia positivista e materialista, a psicologia arquetípica opera com uma linguagem compatível com o discurso da psique. Ele destaca a magia das palavras, alertando para o risco de inflação, voos maníacos e defesas contra a imagem.

Assim como no artigo anterior, o autor propõe estratégias operacionais para manter a autonomia das imagens dos sonhos e fantasias, ampliando seu volume:

1. *Eternizar*: Substituindo os termos *quando* e *então* pela expressão *sempre que*, tal ação permitiria eternizar uma conexão essencial no sonho, reforçando sua harmonia oculta;
2. *Contrastar*: Reconhecendo a dificuldade de abordar imagens familiares ou excessivamente incomuns, Hillman sugere estabelecer algum tipo de contraste específico para facilitar sua compreensão;
3. *Singularizar*: Trocando *quando* e *então* por *apenas*, o autor limitaria o efeito imagético, destacando a unicidade de cada sonho e sua intraconexão;
4. *Manter imagens*: Em vez de um rompimento, pretende ficar com a imagem, adotando uma visão periférica que revela gradualmente a trama imaginal;
5. *O hiato na imagem*: Hillman explora o hiato do sonho como um ponto de referência e virada, provocando uma reflexão sobre sua relação com o desconhecido.

Essas estratégias, segundo entende, promoveriam uma visão mais profunda e a apreciação cuidadosa das imagens oníricas. O pressuposto ao qual requereriam seria um cuidado para se empregar o modo correto de apropriação das imagens pelo uso dos sentidos adequados.

A Imaginação e seus Sentidos

A última estação deste extenso percurso sobre a imagem conclui-se em 1979, com a publicação de *Sentido da Imagem* (Hillman, 2018). Esta terceira parte reconhece a limitação da linguagem na assimilação precisa dos sonhos. Hillman explora tal inadequação ao comentar sobre o uso de sentidos diversos nessa tarefa, mesclando os verbos *ouvir* para *ver*, *olhar* para o que a imagem *diz*, e *observar* para *ouvir* alguma mensagem. O autor argumenta que não há um sentido preferido nesta ação, sugerindo que a psique nos lembra “de sua complexidade: que ao menos dois sentidos são necessários para a apreensão de uma imagem” (Hillman, 2018, p. 105).

Ao desliteralizar os atos de *ver* uma imagem ou *ouvir* uma metáfora, Hillman introduz uma discriminação atenta que exigiria um uso diferente para esses sentidos, os quais, por sua vez, se relativizariam. Contrariamente ao tratamento de tomar as imagens literalmente para desnudar suas relações, propõe que aprender modos incomuns de sensopercepção é a chave para treinar olhos e ouvidos, permitindo “ler uma imagem” ou “ouvir a psique falar” (Hillman, 2018, p. 106). Ele critica a postura dos institutos de formação analítica, que se defendem contra a desordem sensorial, adotando modos perceptivos pré-determinados para a inteligência imagética.

Hillman (2018) questiona a adequação da linguagem conceitual para descrever a produção imaginativa, ressaltando que a imagem não é sua primeira fonte. Insiste no uso de palavras específicas para elucidar sua essência, destacando a necessidade de treinar nossos sentidos de maneiras novas e expandir nosso repertório de palavras sensoriais.

A discussão sobre a imaginação evoca a *sinestesia* como um entrelaçamento sensorial, especialmente na forma “como a imaginação imagina” (Hillman, 2018, p. 110). Essa noção transformaria a percepção em uma metáfora dos sentidos, presente na arte como meio de escapar do viés representativo e descritivo, abrangendo a sensibilidade e a expressão alegórica. O uso da linguagem imagética exigiria uma distorção na direção de um segundo sentido.

A apreciação hillmaniana busca captar o padrão específico da imagem, voltando-se para o papel das preposições na construção de um contexto particular. São elas que determinam a posição da imagem na teia relacional, deslocando o que é visto e ouvido para o modo como se mostra (Hillman, 2018). *Sentir as imagens* envolveria uma melodia composta pelas percepções grosseiras da linguagem combinadas com as sensações suaves das intrarrelações.

A imaginação se mantém no mundo do sentido, mas o toma por uma perspectiva própria, sem a demanda pelo discurso metafísico e sua separação da sensopercepção literal. A impossibilidade de separar o dado sensorial da imagem indica sua manifestação simultânea, sem incorrer em uma apreciação paranoica, onde a

imagem existente se dissiparia em um significado inexistente.

Hillman (2018) concebe “a metáfora como o ato de intensificar a imagem através do ouvir e ver ainda mais sentido nela. Podemos amplificar uma imagem a partir dela mesma simplesmente atendendo-a mais sensitivamente, adentrando-a, focando-a” (pp. 120-121). Ele recusa a separação do sentido nos significados psíquico e natural, argumentando que obtemos mais significado de uma imagem quanto mais observamos seu sentido, e mais ela significa quanto nos afeta sensorialmente, sensorialmente, sensitivamente (Hillman, 2018).

Portanto, o *olfato* emergiria como a melhor *analogia* para imaginar, sendo mais substancial do que a visão e a audição; se ligando à imagem; referindo-se a uma imagem particular; protegendo contra ilusões visuais; sendo súbito e surpreendente; trazendo também elementos negativos; despertando a memória; não sendo evocável; e mantendo limites, nas fronteiras das imagens. O autor, com a utilização do olfato como metáfora analógica, sugere que a estética é a via regia para a recuperação de uma metodologia que sustente a análise da psique constituída por imagens da fantasia.

Uma Analogia Pessoal

Na delimitação entre a perspectiva de Hillman e a psicologia de Jung, o analista David Tacey destaca idiosincrasias significativas:

No mundo pós-junguiano de Hillman, a diversidade substituiu a unidade, a fenomenologia substituiu a metafísica, a imaginação substituiu o inconsciente, e a incerteza e a abertura (‘não-saber’ ou *via negativa*) substituíram o saber. Hillman também descartou a individuação, o direcionamento de metas, as mandalas e a ênfase no progresso e na consciência egoica. Em certo sentido, Hillman construiu uma psicologia arquetípica sem arquétipos, uma psicologia junguiana sem Jung e uma teoria da personalidade sem desenvolvimento (Tacey, 1998, p. 219).

Explorando a vivência clínica, Hillman preconiza uma aproximação aos fenômenos no território original da psique, entendida metaforicamente como uma descida para o mundo das trevas. Esta incursão buscaria “o ressurgimento da psique curada e ativa... a consciência da relatividade de um ego visto como nada mais do que uma entre as diferentes fantasias da psique” (Hillman & Ronchey, 1999, p. 117).

Comprometido com um empiricismo radical, o autor direcionou sua atenção ao fenômeno emocional, alinhando-se à abordagem da fenomenologia. O filósofo Edward Casey destaca seu apelo à descrição fenomenológica, delineando as imagens conforme se apresentam, sem impor preconceitos (Casey, 2016).

No contexto brasileiro, terapeutas analíticos voltam-se para a abordagem pós-junguiana de Hillman, procurando um pensamento junguiano enriquecido com elementos fenomenológicos. O campo da psicologia analítica expande-se em torno

de sua tradução arquetípica, relacionada à imaginação e seus encadeamentos. Este movimento reflete uma escolha relevante, fundamentada em um histórico nacional de práticas clássicas, formações institucionais e esforços acadêmicos.

Ao adentrar o caminho hillmaniano, a propensão irresistível de pensar por meio de imagens emerge. Desde sempre ele utilizou as imagens como artifício para superar as limitações lógicas ao lidar com o material psíquico. Ressaltou que, embora nossos cérebros possam ser impregnados por diversos elementos físicos, “nossas mentes fundamentalmente produzem imagens. A matéria poética – metáforas, símbolos, palavras – é o mistério fundamental da vida humana” (Hillman & Ronchey, 1999, pp. 94-95).

Em *Notas Posteriores sobre Imagens*, o autor sugere uma correlação com a decantação do vinho como exemplo da atitude correta diante do sonho e de imagens trazidas à análise de forma espontânea. Aqui, propomos uma última imagem: refletir sobre a produção de uma fotografia *Polaroid* como uma analogia do nosso entendimento desta escuta da imaginação.

O processo químico da foto instantânea, com seu flash inicial, permite a captura dos fótons pela lente, que reagem a diferentes camadas com corantes específicos. Este processo depende de diversos fatores, entre os quais a exposição e tempo de revelação equilibrados, e seria análogo à trama complexa da criação de imagens inconscientes: fora do controle do investigador e cuja gênese permanece um enigma físico e psicológico, ainda assim exigiria certas recomendações para permitir seu acesso enquanto fenômeno.

Nesta metáfora podemos reconhecer o ritual delicado de obtenção da fotografia. Ela depende de uma atitude propícia, que respeita o tempo necessário para revelar a imagem. A superexposição à luz pode prejudicar a imagem ao “velar” o filme. Analogamente, uma imagem psíquica pode ser obscurecida ou coberta por conteúdos conscientes que não lhe pertencem.

A escuta arquetípica demandaria uma habilidade de selecionar as ferramentas adequadas para se *ficar com a imagem*, traduzindo-a em uma fala que a manifeste em sua completude imaginal.

Conclusão

A densa extensão desta pesquisa, realizada rente ao recorte temporal da década de 1970 da produção da obra hillmaniana, buscou colocar em evidência aquilo que comparece como momentos passíveis de serem assinalados e caracterizados tal qual a experiência de uma escuta das imagens, aqui nomeada *escuta arquetípica*.

No bojo de tal trajetória, procurou-se priorizar a convergência epistemológica entre a abordagem proposta por James Hillman e a metodologia fenomenológica, acenando obliquamente para suas divergências, a saber, aquelas que viriam ao rigor epistêmico traduzidas em termos de níveis de redução fenomenológica, psicológica,

eidética, transcendental ou intersubjetiva. O compromisso do autor em buscar aquilo que sem o fenômeno não existiria, em um retorno à experiência enquanto imagem, sugere um questionamento provocado pela descrição rigorosa entre o que é ou não imagem, as diferenças essenciais entre imagem e sonho, imagem e devaneio, imagem e símbolo, temas presentes na obra de Edmund Husserl.

Diante de uma apreciação comum às psicologias do inconsciente, que tendem a priorizar a interpretação ao fenômeno e à experiência, o percurso desta investigação se interessou em descrever, a partir de uma base histórica e conceitual, os desdobramentos do projeto de uma perspectiva psicológica pós-junguiana, que frente à crítica necessária aos fundamentos da análise tradicional, de caráter monoteísta, defende sua inédita adjetivação “arquetípica” como um termo qualificador propício para contemplar os elementos de um objeto – a psique – que se interpõem em consonância e fidelidade à natureza plural e polissêmica de seu *locus* de pertencimento.

Ao retomar o protagonismo de um argumento de guarda da alma e sua autonomia, o autor entende superar dualidades convencionais, aproximando sua leitura de um campo imaginativo próprio e condizente com a multiplicidade psicológica. Neste espaço inferior e inconsciente, a compreensão dos fenômenos ocorreria tomando como regra a máxima junguiana de *ficar com a imagem*, para isso se servindo dos instrumentos afinados com as vicissitudes da imaginação, tais quais a conservação do traço fundamental de seu predicado analógico, presente nas produções oníricas do psiquismo e sua leitura não-literal pela consciência, por meio de um ego imaginal.

No que alude à descrição de uma prática da imaginação, Hillman enfatizou estratégias operacionais para “guardar o fenômeno”, obedecendo à atitude de rejeição interpretativa ao dar relevo às diversas manifestações da imagem em termos de sua linguagem metafórica. Ao estender tal visão para a comunicação do indivíduo em análise, diante de um acesso à imagem mediada pela via da fala, o autor insistiu na composição de um ou mais sentidos eficientes enquanto imbuídos de se apropriarem fenomenalmente da especificidade deste material.

Deste modo, a escuta no método de James Hillman, descrita neste estudo e nomeada escuta arquetípica, revela-se como uma contribuição inovadora desta psicologia, pois sendo um ponto de vista sobre a imagem e seus processos, concebe-se também como uma direção intencional que dá forma e objetivo à sua prática, na maneira como estabelece o estilo ao qual um analista propõe escutar seus analisandos.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, 93-97.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6735>

- Andrade, C.C. & Holanda, A.F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Barcellos, G. (2011). Nota do tradutor. In J. Hillman. *Psicologia alquímica* (pp. 7-10) (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Barcellos, G. (2012). *Psique e Imagem: estudos de psicologia arquetípica*. Vozes.
- Barcellos, G. (2018). Nota introdutória: o trabalho com imagens. In J. Hillman. *Uma investigação sobre a imagem* (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Barreira, C. R. A. (2018). Escuta Suspensiva. In M. A. Kalinke, M. A. V. Bicudo & V. S. Kluth (Orgs.). *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos: Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate*. SE PQ. <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/26960325803/10>
- Barreira, C.R.A. (2017). Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In M. Mahfoud & J. S. Filho (Orgs.). *Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia, Educação* (pp. 317-368). Paulus.
- Berry, P. (1974). An Approach to the Dream. *Spring 1974*, 58-79. Spring Publications.
- Berry, P. (2014). *O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica* (M. Anjos & G. Barcellos, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1974)
- Berry, P. (2017). *Reminiscências e reflexões*. Arquetípica.
- Brooke, R. (2015). *Jung and Phenomenology: classic edition*. Routledge.
- Brooke, R. (Ed.) (2005). *Pathways into the Jungian world: Phenomenology and analytical psychology*. Routledge.
- Casey, E. (2016). Introduction. In J. Hillman. *Philosophical Intimations: Uniform Edition of the Writings of James Hillman* (vol. 8, pp. 5-23). Spring Publications.
- Casey, E. S. (1974). Toward an Archetypal Imagination. *Spring 1974*, 1-32. Spring Publications.
- Corbin, H. (1972). *Mundus Imaginalis* or the Imaginary and the Imaginal. Spring 1972 (pp. 1-19). Spring Publications.
- Depraz, N. (2011). *Comprendre la phénoménologie: une pratique concrète*. Armand Colin.

- Donfrancesco, F. (2000). *No espelho de psique* (B. Lemos, Trad.). Paulus.
- Durand, G. (1971). Exploration of the Imaginal. *Spring 1971*, 84-100. Spring Publications.
- Durand, G. (1992). *Les Structures Anthropologiques de L'Imaginaire*. Dunod.
- Ellenberger, H. F. (1970). *The Discovery of Unconscious*. Basic Books.
- Hillman, J. & Ronchey, S. (1999). *L'anima del mondo: conversazione con Silvia Ronchey*. Biblioteca universale Rizzoli.
- Hillman, J. (1964). *Suicide and the Soul*. Harper & Row.
- Hillman, J. (1970). *Editorial Postscript: Why 'Archetypal' Psychology?* *Spring 1970* (pp. 212-219). Spring Publications.
- Hillman, J. (1971). *Psychology: Monotheistic or Polytheistic?* *Spring 1971*, 193-228. Spring Publications.
- Hillman, J. (1973). Anima. *Spring 1973*, 97-132. Spring Publications.
- Hillman, J. (1974). Anima (II). *Spring 1974*, 113-146. Spring Publications.
- Hillman, J. (1975a). *Loose Ends: Primary papers in archetypal psychology*. Spring Publications.
- Hillman, J. (1975b). *Re-visioning psychology*. Harper & Row.
- Hillman, J. (1977a). *The Pandemonium of Images: C. G. Jung's Contribution to Know Thyself*. Eranos Jahrbuch 44/1975. E. J. Brill.
- Hillman, J. (1977b). An Inquiry into Image. *Spring 1977*, 62-88. Spring Publications.
- Hillman, J. (1978). Further Notes on Images. *Spring 1978*, 152-182. Spring Publications.
- Hillman, J. (1979a). Image-Sense. *Spring 1979*, 130-146. Spring Publications.
- Hillman, J. (1979b). *The Dream and the Underworld*. Harper Colophon.
- Hillman, J. (1981). *Estudos de Psicologia Arquetípica* (P. Ratis e Silva, Trad.). Achiamé.
- Hillman, J. (1991). *Psicologia arquetípica: um breve relato* (L. Rosenberg & G. Barcellos, Trad.). Cultrix.

- Hillman, J. (1997). *Emotion: a comprehensive phenomenology of theories and their meaning for therapy*. Northwestern University Press. (Original publicado em 1960)
- Hillman, J. (1997). *The myth of analysis: Three essays in archetypal psychology*. Northwestern University Press. (Original publicado em 1969)
- Hillman, J. (2007). *Healing Fiction*. Spring Publications. (Original publicado em 1983)
- Hillman, J. (2010a). *Re-vendo a psicologia* (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Hillman, J. (2010b). *Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler* (G. Barcellos, L. Capriotti, A. A. Lima & E. M. Sandoval, Trad.). Verus.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas* (G. Barcellos, Trad.) Vozes.
- Hillman, J. (2018). *Uma investigação sobre a imagem* (G. Barcellos, Trad.). Vozes.
- Hillman, J. (2020). *Anima: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher* (2a ed.) (L. Rosenberg & G. Barcellos, Trad.). Editora Pensamento/Cultrix.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias*. Juruá.
- Jung, C. G. (2014a). *Símbolos da Transformação*. In Obras Completas de C. G. Jung (Vol. 5) (E. Stern, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1956)
- Jung, C. G. (2014b). *Estudos Alquímicos*. In Obras Completas de C. G. Jung (Vol. 13) (D. F. da Silva e M. L. Appy, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1938)
- Jung, C. G. (2014c). *Psicologia e Religião*. In Obras Completas de C. G. Jung, (Vol. 11) (Pe. D. M. R. Rocha, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1958)
- Jung, C. G. (2014d). *O Desenvolvimento da Personalidade*. In Obras Completas de C. G. Jung (Vol. 17) (F. V. do Amaral, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1945)
- Jung, C. G. (2014e). *Tipos Psicológicos*. In Obras Completas de C. G. Jung, (Vol. 6) (L. M. E. Orth, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1921)
- Jung, C. G. (2014f). *Ab-reação, Análise dos Sonhos, Transferência*. In Obras Completas de C. G. Jung (Vol. 16/2) (M. L. Appy, Trad.). Vozes. (Original publicado em 1947)
- Jung, C. G. (1975). *Memórias, sonhos e reflexões* (A. Jaffé, Org.). Editora Nova Fronteira.

- Jung, C. G. (2009). *The Red Book: Liber Novus*. Norton & Co.
- Jung, C.G. (2020). *Os Livros Negros, 1913-1932: cadernos de transformação* (M. A. Hediger, Trad; W. Boechat, Rev. Trad). Vozes.
- Machado, A., Lourenço, O. & Silva, F. J. (2000). Facts, concepts, and theories: The shape of psychology's epistemic triangle. *Behavior and Philosophy*, 1-40.
- Massimi, M. (2016). *Saberes psicológicos no Brasil: história, psicologia e cultura*. Juruá.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological Research Methods*. Sage Publications.
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência* (M. S. M. Netto, Trad.). Ideias & Letras.
- Shamdasani, S. (2014). *C.G. Jung: uma biografia em livros* (G. A. Tilton, Trad.). Vozes.
- Sipiora, M. (2005). The Anima Mundi and the fourfold: Hillman and Heidegger on the 'idea' of the world. In R. Brooke (Ed.). *Pathways into the Jungian world: Phenomenology and analytical psychology* (pp. 210-263). Routledge.
- Tacey, D. (1998). *Twisting and turning with James Hillman: from anima to world soul, from academia to pop*. In A. Casement. *Post-Jungians Today: Key Papers in Contemporary Analytical Psychology* (pp. 215-234). Routledge.
- Wojtkowski, S. (2012). Dwelling imaginably in soulless times, an appreciation of the work of James Hillman. *ARAS Connections*, 1, 1-16.

Nota sobre os autores:

Bráulio Eloi de Almeida Porto é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Psicologia Analítica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Psicanalista junguiano de crianças, adolescentes e adultos pelo C.G. Jung-Institut Zürich (CGJZ), membro da International Association for Analytical Psychology (IAAP). Diretor de Estudos do Instituto Mantiqueira de Psicologia Arquetípica (IMPAR). Prática clínica em São José dos Campos-SP. E-mail: brauaporto@gmail.com

Cristiano Roque Antunes Barreira é Professor Titular da Universidade de São Paulo na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto e orientador junto aos Programas de Pós-graduação da EEFERP-USP e de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP). Psicólogo, é membro do GT de Psicologia do Esporte da ANPEPP, professor visitante na Universidade Paris-

Cité, foi presidente da ABRAPESP, Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (2017-2019) e Diretor da EEFERP-USP (2017-2021). E-mail: crisroba@gmail.com

Data de submissão: 22.02.2024

Data de aceite: 31.07.2024